

2 NOVEMBRO 2013 A 3 JANEIRO 2014

E(N)CAIXA

**TÂNIA DUARTE
STRATOS NTONTISIS
VITOR HUGO
JOÃO PÁDUA
LUÍS BARBOSA**



QUARTEL
GALERIA MUNICIPAL DE ARTE

LARGO DE SANT'ANA, 2200 - 348 ABRANTES
+351 241 331 408 / galeria.arte@cm-abrantes.pt
TERÇA - SABADO 10-13H00, 14-19H00
ENCERRA DOMINGOS, SEGUNDAS E FERIADOS

ÍCARO

Nasceu no Porto em 16 de Julho, de 1960. Estuda Pintura e artes plásticas na Escola Superior de Belas Artes do Porto, e na Escola Nacional Superior de Belas Artes de Toulouse, em França obtendo aqui o DNSEP (Diplôme National Supérieur d'Expression Plastique).

Desde 1982 expõe o seu trabalho de pintura com regularidade, quer no país quer no estrangeiro ao mesmo tempo que desenvolve actividades noutras áreas artísticas.

Para além de leccionar no ensino superior (ESAP) foi também professor de Expressão Gráfica do Curso de Cinema de Animação 2D 3D (Escola Artística e Profissional Árvore).

Alargou a sua actividade ao design de comunicação, ilustração, e cinema de animação. Foi formador e realizador no projecto MIX REPÚBLICA, Assim como "A Picada da Albertina" (Prémio cinanima Jovem Cineasta), "O Lagarteiro" (menção honrosa), e "Amigo do Peito", também seleccionado no Festival Caminhos do Cinema Português 2011, Animamundi 2012, Festival de Hamburgo 2012 e Festival TINDIRINDIS 2012, na Lituânia, este ano co-realizou o filme "Olh'ó Respeitinho!..." seleccionado para a competição do Cinanima. Em 2005 realizou o filme "Cicatriz" que recebeu o prémio Onda Curta RTP.

2 NOVEMBRO 2013 A 3 JANEIRO 2014

HANDLE WITH CARE

ÍCARO

**MUDAM-SE OS TEMPOS,
MUDAM-SE AS VONTADES,
MUDA-SE O SER,
MUDA-SE A CONFIANÇA;
TODO O MUNDO É
COMPOSTO DE MUDANÇA,
TOMANDO SEMPRE
NOVAS QUALIDADES.**

AS CAIXAS. DENTRO DA CAIXA.
FORA DA CAIXA.
ENTRE O DENTRO E O FORA
DAS CAIXAS.
ANTES AINDA DE UM CORPO:
A SUA PELE.

Há caixas dentro de caixas. Há caixas fora da caixa. Busca-se ao infinito a caixa de todas as caixas como a caixa antes de todas as caixas. Assim, todo o fora da caixa seria dentro da caixa. Todo o dentro da caixa seria fora da caixa.

O mundo teria então uma ordem clara. Os génios malignos nada poderiam contra aharmonia garantida entre as coisas imediatas e a mediação das coisas. Caixa dentro de caixa, na devida proporção, e a ordem da representação espelharia um dia, na perfeição, a ordem do que se apresenta.

Mas algo sempre ficou fora da caixa.

Porque a caixa de todas as caixas terá sempre de se conter a si própria.

Porque a caixa vazia não poderia por si só assegurar a reunião ordenada e exaustiva de todas as caixas. Nada nos é dito, é certo, sobre a causa primeira e o fim último das caixas.

Além de tudo isto: o tempo. O tempo é feito de mudança e as caixasmudam e não param de mudar. Nenhuma identidade permanece aí fixa, nenhuma designação a cristaliza nos seus atributos. Nenhum jogo de linguagem, nenhuma forma de vida conhece a eternidade.

Muda-se o ser, sabemos, mudam-se as vontades.

As caixas circulam, montam-se e desmontam-se, enchem-se e esvaziam-se, reciclam-se, ardem.

As caixas não param de mudar.

Na verdade, não sabemos já que caixas manejam os com cuidado: as caixas que fazemos? As caixas que dizemos?

Quem faz caixas pensa tanto quanto quem as diz. Mas pensará sobre a mesma caixa recorrendo a caixas diferentes. É certo: entre a presença de uma caixa e a

representação da caixa, medeia apenas o ângulo de um olhar sobre um fundo de cartão sob o contorno de uma figura. Talvez a caixa surja como um conjunto contíguo de linhas geométricas, talvez como uma classe de perfis tipográficos alinhados em série, na superfície de um volume planificado. Porque há quem desenhe caixas como há quem escreva apenas: "caixa," na superfície cartonada. Há quem coloque fotografias ou frases dentro de caixas e assim organize o seu mundo.

A representação da caixa no seu contorno rígido, recortando a luz, recorta também uma identidade ambiguamente fixa: "isto é uma caixa." Esta caixa está por todas as caixas: a representação da caixa, como uma palavra, está aí por todas as caixas: "A caixa." A apresentação da caixa no seu material habitual, moldando o tato, molda também aí a sua utilidade ilusoriamente determinada.

Há caixas. Materiais e mentais. Há caixas que se movem ao longo do globo com as suas propostas de valor encaixotadas. Elas são o refugio entre a produção e o consumo. Zona de registo descartável.

A caixa, feita e desfeita, fica aí entre tudo. Há caixas de cartão no lugar mais recôndito da Amazônia, como descobrira o artista que gostava do cartão das caixas. Elas povoam por aí os não-lugares, estão sempre entre instantes: de quem muda de casa ou de emprego, quem muda de terra, quem compra e quem vende. Elas mal cobrem o vagabundo do frio da noite, mal alimentam o fogo, mal servem de base de inscrição das misérias que justificam uma esmola, do apelo a uma boleia para uma esperança diferente em tudo do destino.

Há caixas onde nos metem e onde nos metemos em

busca de um pouco de arrumação, um pouco de resguardo do frio e da desordem.

Pensa-se dentro da caixa. Pensam-se caixas dentro de caixas. As palavras são por isso verdadeiras caixas imateriais, substantivos reunindo em si propriedades essenciais e acidentais, entrando em relação com outras caixas, mudando de função conforme os problemas e o uso. As caixas, já sabemos, não param de mudar, tomando sempre novas qualidades.

As figuras são igualmente caixas que separam o mesmo do outro que o rodeia, contornos de objetos expressando identidades, referindo caixas, entrando em relações conforme se distribuem no espaço, ao mesmo tempo que encenam a ilusão de que os corpos têm limites feitos de luz. As figuras recortadas são a geometria variável dos conceitos que as reúnem segundo semelhanças habituais, que vão permanentemente mudando como as sombras. A luz e as sombras, já sabemos, são feitas de mudança.

Tudo este entretanto é, entretanto, a imagem como caixa que o olhar percorre, que a mão modela, que o pensamento desdobra e desfia. Um entretanto onde o tempo parou. Não se representa já o contorno tateado pelas mãos em frente dos olhos, mas pelo tato, com as mãos, compõe-se o perfil do mundo onde se sente, se pensa, se age, se escolhe no interior e em redor de um instante enquadrado.

Há, entretanto, também, a sucessão de imagens. Uma vida animada, sempre em mudança. Há essa relação entre imagens que nos devolve o tempo entre os planos sucessivos.

Continuamente, vemos novidades. Poder da montagem das imagens como caixa contendo sucessão de caixas contendo caixas distribuídas num

espaço limitado. A luz dá-nos, então, o tempo antes do espaço. O tempo dá-nos, então, o espaço. A relação da luz e das sombras, que a recortam continuamente, compõe um novo tempo. É um novo jogo de luzes e de sombras, de contornos e de conceitos.

É toda uma experiência do tempo e do espaço no espaço e no tempo. Da luz e da sombra com luzes e sombras. Da massa e das suas ilusões. Da mudança. As caixas encerram e libertam luzes, sombras, massas e ilusões, no tempo e no espaço. As caixas, sabemos, são compostos de mudança.

Rui Mascarenhas

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS

- 1984** EXPOSIÇÃO NACIONAL DE PEQUENO FORMATO, Cooperativa Árvore, Porto; IV Bienal de Vila Nova de Cerveira,
- 1º** EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS da Câmara Municipal do Porto.
- 1985** 1º ENCONTRO NACIONAL DE PERFORMANCE, Torres Vedras; II BIENAL DE DESENHO, Cooperativa Árvore, Porto;
- 1º** BIENAL DE ARTES PLÁSTICAS AM DE OLIVEIRA
- 1986** BIENAL EUROPEIA DA GRAVURA, Mulhouse, França; PINTURA PARA 86 - Galeria Roma e Pavia, Porto; BIENAL UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA
- 2008** EXPOSIÇÃO COLECTIVA GALERIA DO CAIS, Porto.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1984** WOLF, Galeria Roma e Pavia, Porto.
- 1985** VERSUS, Galerie La Bricolerie, Nantes, França.
- 1986** DUAS FIGURAÇÕES, Galeria Leo, Lisboa; PAISAGENS E RETRATOS - Galeria Roma e Pavia, Porto.
- 1988** CANTO E RECANTO, Cooperativa Árvore, Porto.
- 1989** SEGREDOS DO CONFESSIONÁRIO, Galerie C.A.S.A, Toulouse, França; C'EST NUTIL, Galerie Diagonale, Toulouse, França.
- 1990** PER TENEBRAS AD LUCCEM, No Atelier, Rasa Gaia.
- 1991** TEMPUS FUGIT, No Atelier, Porto.
- 1993** ESTOU-ME NAS TINTAS, Galeria do turismo de Gaia.
- 1997** DEPOIS DO APOCALIPSE, Galeria Labyrinth, Porto.
- 2003** SILÊNCIOS - Auditório da Junta de Freguesia Gulpilhares, Gaia.
- 2004** O LUGAR DO LUGAR - No atelier Sopa de Pedra, Porto.
- 2005** DO CANTO DO FADO, Galeria Nasoni, Porto.
- 2006** AGUARELAS, No atelier, Porto.
- 2008** EX-MACHINAE, Galeria, Porto.
- EX-MACHINAE II, Galeria Arte no Cais, Porto
- 2010** EX-MACHINAE III, Museu de Montalegre.
- 2011** PERFORMANCE INSTALAÇÃO, Festival do Castanho, Museu de Montalegre.
- 2012** ESTOU A VER-ME GREGO! Faculdade de Economia da Universidade do Porto.
- 2013** HANDLE WITH CARE - Galeria Centro Multimeios, Espinho.